

Portas abertas para novos tratamentos para a artrite reumatóide



Da esquerda para a direita: Cátia Duarte, José António Pereira da Silva, Helena Carvalheiro e Margarida Carneiro

Uma equipa de investigadores do Centro de Neurociências e Biologia Celular (CNC) e da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra (FMUC) descobriu que as células do sistema imunitário T CD8, produzidas pelo Timo (órgão linfóide situado junto ao coração) para defender o organismo de infeções, estão alteradas na artrite reumatóide, sendo responsáveis pela manutenção da doença, quer ao nível sanguíneo quer ao nível das articulações.

Nesta doença crónica, as T CD8 perdem a tolerância imunológica e destroem as células erradas, ou seja, matam as células boas da articulação, revela o estudo realizado, primeiro em modelos animais e posteriormente em humanos, designadamente em 96 doentes com artrite reumatóide, seguidos no Serviço de Reumatologia do Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra, dirigido pelo Catedrático da FMUC José António Pereira da Silva.

Os investigadores verificaram ainda, nas experiências com modelos animais, que retirando as T CD8 do sistema, os ratinhos apresentavam melhorias muito significativas. Estes resultados, explica Helena Carvalheiro, primeira autora do artigo científico publicado no *Arthritis & Rheumatology*, jornal internacional de referência da

área, «abrem portas para o desenvolvimento de novos alvos terapêuticos com o foco nestas células que estão a matar a células erradas porque perderam a capacidade de distinguir o que é estranho daquilo que faz parte do organismo».

A artrite reumatóide é uma doença crónica que provoca a destruição das articulações e invalidez progressiva

«Sendo a artrite reumatóide uma doença crónica que provoca a destruição das articulações e invalidez progressiva, a procura de novas respostas clínicas «continua a ser um objectivo nuclear, apesar dos notáveis progressos registados já na última década», sublinha o especialista da FMUC, José António Pereira da Silva.

Financiada pela acção Marie-Curie (bolsas atribuídas pela União Europeia) e por um laboratório de indústria farmacêutica, a pesquisa vai agora focar-se em «seleccionar as vias moleculares intracelulares das T CD8 que podem ser modificadas geneticamente com fins terapêuticos, isto é, vamos avaliar como funcionam os sinais dentro destas células, através da análise genética, identificar os que estão alterados e proceder à sua reparação para que todas as peças da máquina voltem a funcionar em favor do doente», avança Helena Carvalheiro.

Ciência Hoje

